

PRODUTOS NATURAIS NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDAS CUTÂNEAS: PRÁTICAS E SABERES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

NATURAL PRODUCTS IN THE HEALING OF SKIN WOUNDS: PRACTICES AND KNOWLEDGE OF NURSING PROFESSIONALS

Ellen Onara Rodrigues Santos Juvino¹ * Saulo Rios Mariz² * Lidiany Galdino Felix³

RESUMO

Objetivo: avaliar práticas e saberes sobre o uso de medicamentos de origem vegetal no processo de cicatrização de feridas entre os profissionais de enfermagem de um hospital universitário. Metodologia: estudo transversal do tipo exploratório, descritivo e quantitativo, no qual foram entrevistados 40 profissionais no período de fevereiro a agosto de 2019. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário validado. A amostragem por conveniência ocorreu através de visitas, em dias e turnos alternados, nas Alas com pacientes sob tratamento de feridas crônicas. Para a análise quantitativa das variáveis utilizou-se a tabulação em planilha Excel 2018 e, a partir das planilhas eletrônicas, os dados foram alocados e submetidos à avaliação mediante estatística descritiva. Resultados: a maioria absoluta (90%) dos entrevistados, respondeu que não utiliza plantas medicinais no processo de cicatrização de feridas; além disso, não possuem conhecimento sobre a temática pesquisada. Mais da metade dos entrevistados (62%), não teve formação em fitoterapia durante a graduação; mesmo assim, uma proporção ainda maior (87%) tem interesse em aprimorar os conhecimentos nesse assunto. Quase a totalidade dos sujeitos de pesquisa (95%) acha importante o uso de produtos naturais no processo de cicatrização de feridas. Conclusão: os profissionais de enfermagem entrevistados não possuem conhecimento adequado acerca do uso de produtos naturais no processo de cicatrização de feridas, mas reconhecem a necessidade e demonstram interesse em capacitações nesse tema.

Palavras-chave: Fitoterapia. Plantas Medicinais. Cicatrização de Feridas. Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to evaluate practices and knowledge about the use of herbal medicines in the wound healing process among nursing professionals at a university hospital. Methodology: cross-sectional exploratory, descriptive, and quantitative study in which 40 professionals were interviewed from February to August 2019. A validated questionnaire was used as the data collection instrument. Convenience sampling took place through visits, on alternate days and shifts, in wards with patients undergoing treatment of chronic wounds. For the quantitative analysis of the variables, the tabulation in an Excel 2018 spreadsheet was used and, from the spreadsheets, the data were allocated and submitted to evaluation by descriptive statistics. Results: The absolute majority (90%) of the interviewees answered that they do not use medicinal plants in the wound healing process; in addition, they do not have knowledge about the researched theme. More than half of the interviewees (62%) had no training in phytotherapy during graduation, even so, an even greater proportion (87%) is interested in improving knowledge on this subject. Almost all research subjects (95%) think the use of natural products in the wound healing process is important. Conclusion: the nursing professionals interviewed do not have adequate knowledge about the use of natural products in the wound healing process, but they recognize the need and show an interest in training on this topic.

Keywords: Phytotherapy. Plants, Medicinal. Wound Healing. Nursing.

¹ Enfermeira Graduada pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Participou como voluntária e bolsista do grupo PET Fitoterapia (CCBS-UFCG). Atualmente é residente em Saúde da Família pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP) e Pós-Graduada em Urgência, Emergência e UTI pelo Centro de Educação em Saúde da Paraíba (CESPB). E-mail: ellenonaraa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/000000286904160>

² Farmacêutico-Bioquímico pela Universidade Federal do Maranhão (1990). Mestre em Toxicologia pela Universidade de São Paulo (1998) e Doutor em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Pós-doutor na Universidade de Paris 8 sobre o tema da prevenção ao uso indevido de drogas no meio universitário (2013). Atualmente é professor (associado 3) de Farmacologia para Enfermagem e Medicina, desde janeiro de 2017 e tutor do Grupo PET Fitoterapia (CCBS-UFCG). E-mail: sjmarizz22@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7988-9516>

³ Enfermeira, com Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Enfermagem Clínica e Cirúrgica pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e em Enfermagem Dermatológica (Estácio de Sá). Mestrado e Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Adjunta do curso de Enfermagem do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde e Enfermagem (NUPESEN/UFCG) e do Grupo de Estudos e Pesquisas no Tratamento de Feridas (GEPEFE/UFPB). Tutora do PET-SAÚDE/ Interprofissionalidades da UFCG. E-mail: lidigaldinofelix@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2646-2863>



INTRODUÇÃO

De acordo com os autores ⁽¹⁾ a ferida é representada como a não continuidade da pele, que pode ser causada tanto por trauma físico, químico, mecânico ou alguma afecção clínica. No Brasil, há muitas pessoas com feridas complexas, incapacitadas de realizar suas atividades diárias, e que não têm acesso aos medicamentos que facilitem o processo de cicatrização, levando a complicações como: infecções, amputação de membros e dificuldade de reinserção na classe economicamente ativa ⁽²⁾.

Segundos após uma lesão, dá-se início ao processo de cicatrização que consiste em um sistema íntegro e complexo, o qual envolve atividade celular e quimiotática, com liberação de mediadores químicos e respostas vasculares. Na derme lesionada, ocorre uma série de eventos que levam à regeneração e à restauração do tecido lesionado. O processo de cicatrização normal pode ser dividido em três etapas: inflamatória, proliferativa e remodelamento ⁽³⁾. Além disso, para os autores ⁽⁴⁾ essas fases não ocorrem individualmente no tempo, havendo interposição entre elas, com predomínio de uma ou outra a depender do estado fisiológico da ferida.

Ademais, segundo os autores ⁽⁵⁾ a prevalência de lesões na pele são muito altas, apesar dos avanços referentes ao desenvolvimento de recursos e tecnologias para

a reparação tissular. Por esse motivo, que se percebe a necessidade de mais estudos sobre novas tecnologias para essa área. Entre diversas possibilidades, temos a fitoterapia, ou de um modo mais amplo, o uso de produtos naturais no tratamento cicatrizante.

O Brasil não está alheio a todos os possíveis benefícios da sua biodiversidade, que é a maior em todo o mundo, e nos últimos anos tem-se elaborado políticas diretamente relacionadas à fitoterapia e outras terapias anteriormente ditas “alternativas” em saúde. O Ministério da Saúde tem incentivado o uso de plantas medicinais, por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS), e da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) na atenção básica ⁽⁶⁾.

Apesar do uso de plantas medicinais ser uma prática tão antiga e milenar, apenas em 2006 foi aprovada a PNPMF no Brasil, através do Decreto N° 5.813 de 22 de junho desse ano. Recentemente, essa Política teve sua segunda edição publicada com a constatação de que a PNPMF tem gerado avanços na garantia à população do acesso seguro e uso racional dos fitoterápicos, ampliando as alternativas terapêuticas para prestar o cuidado aos usuários, com eficácia, segurança e qualidade, assim como, tem apresentado métodos de incentivar as pesquisas em novas tecnologias e inovações

terapêuticas e o resgate do conhecimento popular na área ⁽⁷⁻⁸⁾.

Atualmente, a RDC 20/2014 ⁽⁹⁾ (Resolução da Diretoria Colegiada – Agência Nacional de Vigilância Sanitária) divide os produtos derivados de plantas em duas categorias, sendo a primeira sobre os medicamentos fitoterápicos que devem apresentar segurança e eficácia através de ensaios clínicos e, por segundo, os produtos tradicionais fitoterápicos que poderão ser registrados através da comprovação da tradicionalidade.

Segundo ⁽¹⁰⁾ no uso de plantas medicinais durante o processo de cicatrização de feridas é mencionado desde a pré-história, quando eram utilizadas na forma de cataplasmas, com o intuito de estagnar hemorragias e favorecer o reparo tecidual, sendo muitas dessas plantas ingeridas, para atuação por via sistêmica. No Brasil, é notório que a miscigenação das culturas indígenas, africanas e europeias foram grande influenciadora no que concerne à utilização de ervas nos tratamentos de doenças e feridas ⁽¹⁰⁾. No entanto, muitas pessoas no Brasil não possuem acesso ao tratamento convencional, o que se torna um problema pois essas lesões podem levar a grandes problemas futuros ⁽¹¹⁾.

Em um estudo pré-clínico conduzido pelo estudo ⁽²⁾ e realizado no Paraná com 40 ratos, que apresentavam lesões de ressecção de

pele, conduzido por 14 dias, mostrou que no grupo que foi utilizado mel e óleo-resina de copaíba houve aumento da contração da ferida, da presença de colágeno tipo I e acelerou o processo de cicatrização, mostrando assim uma melhor eficácia no processo no tratamento de feridas comparado a um produto comercial contendo fibrinolizina, desoxirribonuclease e cloranfenicol.

Além disso, destacamos que o profissional da enfermagem é aquele que tem um contato maior com o paciente no transcurso de hospitalização, logo, possui destaque no processo de tratamento, inclusive nos casos em que o objetivo é a cicatrização de feridas agudas ou crônicas. Pois, segundo o autor ⁽¹²⁾, esse profissional é o que está presente desde o diagnóstico até a cicatrização total da lesão, realizando os curativos executando a melhor forma de tratamento.

Portanto, é importante considerar que a cicatrização é um processo complexo, que começou a ser entendido em maior amplitude nos últimos anos, e que a utilização de plantas medicinais, é um tratamento pouco dispendioso comparado aos fármacos sintéticos. Diante disso elaboramos duas perguntas de pesquisa, a saber: quais os conhecimentos dos profissionais entrevistados sobre o uso de produtos naturais no processo de cicatrização de feridas? Os profissionais do serviço avaliado usam algum produto natural para a cicatrização de feridas?

Com isso o presente estudo tem como objetivo avaliar práticas e saberes sobre o uso de medicamentos de origem vegetal no processo de cicatrização de feridas entre os profissionais de enfermagem de um Hospital Universitário (HU).

METODOLOGIA

O presente estudo corresponde à uma pesquisa quantitativa de natureza exploratória. O cenário da pesquisa foi um Hospital Universitário situado na cidade Campina Grande, situada na Região do Estado da Paraíba, com uma população de 385.213 habitantes, referente ao último censo do IBGE ⁽¹³⁾. O trabalho foi resultado de um projeto desenvolvido por participantes do Programa de Educação Tutorial (PET) – Conexões de Saberes – Grupo Fitoterapia, da Universidade Federal de Campina Grande. O PET, de acordo com o Ministério da Educação, é um programa desenvolvido por um grupo sob tutoria de um docente, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão ⁽¹⁴⁾.

Os dados foram coletados no período de fevereiro a agosto de 2019 em 4 setores do hospital. Os locais foram selecionados, levando-se em consideração o critério de que são os setores que mais realizam curativos no hospital. Os setores foram as alas: A (cirúrgica), C (clínica feminina), D (clínica masculina) e

UTI Adulto. Além disso, participaram do estudo 40 profissionais, abordados de forma aleatória, respeitando os seguintes critérios de inclusão: ser profissional de enfermagem, estar atuando, no momento da pesquisa e em um dos setores citados e critérios de exclusão: não ser profissional de enfermagem e não estar atuando nos setores citados.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário validado ⁽¹⁵⁾ e traduzido para a língua portuguesa ⁽¹⁶⁾. Com as seguintes variáveis: dados socioeconômicos (gênero e idade); perfil profissional (tempo de formação, se possui pós-graduação e se julga ser especialista em cicatrização de feridas); aspectos ocupacionais (setor de trabalho e tempo de atuação no mesmo) e, ainda, sobre saberes e práticas na cicatrização de feridas, inclusive sobre o uso de produtos naturais com essa finalidade.

O universo da pesquisa no momento da coleta de dados era o seguinte: Ala A (clínica cirúrgica) era composta por 6 enfermeiros e 10 técnicos de enfermagem; Ala C (clínica feminina) com 6 enfermeiros e 10 técnicos de enfermagem; Ala D (clínica masculina) com 7 enfermeiros e 12 técnicos de enfermagem e UTI Adulto com 7 enfermeiros e 18 técnicos. A amostragem foi do tipo por conveniência, na qual fizemos visitas em todos os setores em dias e turnos alternados para que pudessemos entrevistar todos os profissionais. Além disso,

para a análise quantitativa descritiva das variáveis utilizou-se a tabulação em planilha *Excel2018* e, a partir das planilhas eletrônicas, os dados foram alocados e submetidos à avaliação mediante estatística descritiva.

Os profissionais submetidos à entrevista foram esclarecidos a respeito do projeto e solicitadas à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), comprovando sua voluntariedade na pesquisa. Todo o processo foi realizado de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e demais normas complementares, que tratam da pesquisa com seres humanos. O projeto foi aprovado pelo CEP do Hospital Universitário Alcides Carneiro, com o número de protocolo: CAAE n. 12888019.4.0000.5182 e aprovado nos dias 20 de maio de 2019.

RESULTADOS

Foram entrevistados pela pesquisadora principal 40 profissionais com a seguinte distribuição: 5 questionários na Ala A, 16 questionários na Ala C, 10 questionários na Ala D, 8 questionários na UTI Adulto e 1 questionário com a enfermeira dermatoterapeuta do hospital, que presta atendimento em todos esses setores.

De acordo com os dados apresentados na tabela 1, relacionados ao perfil

socioprofissional, predominou o sexo feminino, idade maior que 35 anos, tempo de formação de 16 a 20 anos, tempo de experiência no setor inferior a 1 ano e, no caso dos enfermeiros, majoritariamente, os entrevistados possuíam alguma pós-graduação, *latu sensu e/ou stricto sensu*.

Em relação ao setor dos entrevistados, destaca-se que a maior parte deles era da clínica médica feminina, seguido da clínica médica masculina e da UTI adulto. Em relação ao processo de cicatrização de feridas destacamos que a maioria não se considera especialista em curativos, mas consideram-se capacitados em realizar curativos e as vezes se sentem habilitados em realizar curativos em feridas. Além disso, a respeito da utilização de plantas medicinais no processo de cicatrização de feridas no setor de trabalho, grande parte dos entrevistados responderam que não usam tais produtos no seu cotidiano de trabalho. Dos que responderam que sim, destacaram o uso do óleo de girassol. Ademais, com relação ao conhecimento sobre fitoterapia os entrevistados, em sua maioria, responderam que não possuem conhecimento sobre fitoterapia no processo de cicatrização de feridas.

Tabela 1 - Distribuição percentual dos profissionais de enfermagem quanto ao perfil socioprofissional. Campina Grande-PB, 2019, (N=40).

	N	%
Sexo		
Feminino	37	93%
Masculino	3	7%
Faixa etária		
26-30 anos	5	12%
31-35 anos	14	35%
>35 anos	21	53%
Categoria profissional		
Enfermeiros	19	47,5%
Técnicos em Enfermagem	21	52,5%
Setor de Trabalho		
Ala A	5	12%
Ala C	16	40%
Ala D	10	25%
UTI Adulto	8	20%
Comissão de Pele	1	3%
Tempo de Formação		
<1ano	1	2
1 a 5 anos	3	7%
6 a 10 anos	8	20%
11 a 15 anos	12	30
16 a 20 anos	15	38%
>20 anos	1	3%
Experiência no HU		
<1ano	20	50%
1 a 5 anos	10	25%
6 a 10 anos	5	12%
11 a 15 anos	2	5%
16 a 20 anos	2	5%
>20 anos	1	3%
Possui pós-graduação, lato sensu e stricto sensu		
Sim	27	67%
Não	12	30%
Não respondeu	1	3%
Total	40	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em relação à formação em fitoterapia durante a graduação, grande parte entre os entrevistados, respondeu que não teve formação em fitoterapia durante esse período, mas esses profissionais têm interesse em aprimorar os conhecimentos sobre o assunto. Além disso, acerca da importância do uso de produtos naturais no processo de cicatrização de feridas, grande maioria respondeu que acha importante.

Ao serem solicitados a justificarem a importância do uso de produtos naturais no

processo de cicatrização de feridas as principais respostas foram: pelo fato desse uso ser de fácil acesso e menor custo, acarretando assim, maior adesão pelos pacientes, além disso, esclareceram também que a utilização desses produtos gerava menores riscos de efeitos colaterais se empregados na forma correta. Esses dados estão apresentados na tabela 2.

Tabela 2- Análise do conhecimento e do uso da fitoterapia no processo de cicatrização de feridas entre os profissionais entrevistados. Campina Grande-PB, 2019 (N=40).

	Sim		Não		Às vezes		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Especialização em cicatrização de feridas.	08	20%	32	80%	00	00%	40	100%
Capacidade em realizar curativos	23	57%	05	13%	12	30%	40	100%
Utilização de produtos naturais no processo de cicatrização de feridas, no setor de trabalho.	04	10%	36	90%	00	00%	40	100%
Conhecimento sobre fitoterapia no processo de cicatrização de feridas.	36	90%	04	10%	00	00%	40	100%

Formação em fitoterapia, durante a graduação.	15	38%	25	62%	00	00%	40	100%
Interesse em aprimorar os conhecimentos na área da fitoterapia.	35	87%	05	13%	00	00%	40	100%
Importância do uso de produtos naturais no processo de cicatrização de feridas.	38	95%	02	5%	00	00%	40	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Com os dados apresentados na tabela 3, pode-se observar que entre os profissionais entrevistados, destacaram-se, entre as possíveis fontes para atualização profissional que nunca são utilizadas: a leitura e assinatura de periódicos (jornais, revistas etc.) da área; a

conversa com médicos e a participação em grupos de estudos. Entre as fontes de atualização que sempre são usadas, predominaram as conversas com enfermeiros assistenciais e as consultas em base de dados.

Tabela 3 - Distribuição percentual quanto às iniciativas que usam para atualização profissional. Campina Grande-PB, (N=40).

Tipo de atualização	Nunca		Às vezes		Sempre		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Periódicos	18	45%	19	47,5%	3	7,5%	40	100%
Base de dados	2	5%	17	42,5%	21	52,5%	40	100%
Extensão universitária	11	27,5%	22	55%	7	17,5%	40	100%
Grupos de Estudo	17	42,5%	21	52,5%	2	5%	40	100%

Congressos	2	5%	31	77,5%	7	17,5%	40	100%
Artigos científicos	4	10%	26	65%	10	25%	40	100%
Enfermeiros assistenciais	2	5%	13	32,5%	25	62,5%	40	100%
Professores	7	17,5%	25	62,5%	8	20%	40	100%
Médicos	17	42,5%	21	52,5%	2	5%	40	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

DISCUSSÃO

Com relação à faixa etária, a maior parte dos profissionais entrevistados era de adultos jovens, indicando assim uma maior maturidade pessoal, pois muitos deles já possuem uma experiência profissional em outros locais de trabalho, evidenciando dessa forma um posicionamento mais maduro quanto ao que querem e ao que pensam. Além disso, em relação ao perfil profissional dos entrevistados, observa-se a abrangência da pesquisa em termos de se ter avaliado as questões nos setores desse hospital, nos quais se trabalha com o tratamento de feridas.

Em relação ao tempo de formação dos entrevistados, a maioria absoluta relatou apresentaram ter concluído seu curso há mais de 11 anos, reforçando assim indícios de que os profissionais entrevistados sejam experientes. No entanto, apesar de serem bastante experientes, apresentaram deficiências de conhecimento sobre as potencialidades da fitoterapia na cicatrização de feridas, mostrando dessa forma que esse problema parece ser fruto não apenas de lacunas curriculares da

graduação, como também no processo de atualização profissional, afinal, esses profissionais não trabalham em um serviço de saúde afastado das oportunidades educacionais, mas em um centro urbano que é polo de referência regional nas áreas de saúde e educação.

Quanto ao tempo de experiência profissional no hospital universitário, os entrevistados, em sua ampla maioria, possuem 5 anos ou menos de experiência no hospital, ou seja, uma diferença interessante em relação aos dados apresentados sobre o tempo de formação, mostrando assim que, embora o perfil desses profissionais seja de já graduado a muito tempo, no entanto, em sua maioria, eles são novos nos setores avaliados. Isso é relevante, pois um profissional que está a pouco tempo em um determinado serviço, em geral está mais motivado e aberto para o desenvolvimento de inovações com vistas à melhoria da qualidade do serviço prestado no setor. Isso nos faz

refletir sobre o quanto esses profissionais podem estar disponíveis para capacitação na área com vistas à inserção do uso de produtos naturais, com ação cicatrizante cientificamente validada, em seu cotidiano profissional.

Ademais, a grande maioria dos profissionais entrevistados possui pós-graduação, *lato sensu* e/ou *stricto sensu* (mestrado ou doutorado). Isso nos mostra que a equipe de enfermagem desse hospital é diferenciada em termos de qualidade profissional. No entanto, esses dados evidenciam que, apesar desses profissionais possuírem um leque muito grande no quesito de atualização na carreira profissional, em relação à fitoterapia, percebe-se que esse tema ainda não está sendo trabalhado, nem mesmo nas respectivas pós-graduações, *lato sensu* e/ou *stricto sensu*.

Quanto ao processo de cicatrização de feridas a grande parte dos profissionais não se considera especialistas em curativos. No entanto, mais da metade se considera capacitada para realizar curativos. Dessa forma, fica claro que, apesar da grande maioria dos entrevistados possuírem pós-graduação, conforme já discutido, parece que essa formação complementar não foi na área de cicatrização de feridas; mesmo assim, a maioria se considera apta para esse serviço. Todavia, deve-se atentar para o fato de que essa maioria não nos parece tão expressiva quanto deveria ser, afinal,

conforme a Resolução COFEN 567/2018⁽¹⁷⁾, os técnicos em enfermagem podem realizar procedimentos em feridas, sob a prescrição e supervisão do enfermeiro. Para reforçar essa suposição devemos lembrar que, praticamente, a terça parte dos entrevistados se sente preparada para realizar curativos apenas “às vezes” e, ainda, por dedução, que alguns, muito provavelmente, nem se sintam preparados. Isso pode resultar em insegurança no momento da avaliação e causar problemas na escolha das coberturas e atraso no processo de cicatrização.

Esses dados corroboram com outro estudo⁽¹⁸⁾, que foi realizado com enfermeiros que atuavam em um hospital universitário do Centro Oeste Brasileiro, de forma que evidenciou déficits importantes no conhecimento da fisiologia do processo de cicatrização de feridas, desbridamento, exsudado, sinais de infecção e biofilme, confirmando a possível insuficiência de conhecimentos a respeito dessa temática, embora a pesquisa tenha sido realizada com profissionais que vivenciam no seu cotidiano o cuidado com feridas. No entanto, esses dados contradizem a resolução do COFEN, 567/2018⁽¹⁷⁾, que preconiza ao enfermeiro avaliar, prescrever e executar curativos em todos os tipos de feridas em pacientes sob seus cuidados, além de coordenar e supervisionar a equipe de enfermagem na prevenção e cuidados de pessoas com feridas. Portanto os enfermeiros

devem estar capacitados e habilitados em realizarem curativos.

A respeito da utilização de plantas medicinais no processo de cicatrização de feridas no setor de trabalho, quase a totalidade dos entrevistados respondeu que não. Os que responderam que sim, destacaram o uso do óleo de girassol. De acordo com o estudo ⁽¹⁹⁾, os profissionais de saúde demonstraram bastante aceitação quanto ao uso de recursos naturais no processo de cicatrização de feridas devido ao seu baixo custo, menores efeitos colaterais e resultados satisfatórios. Contudo, com os profissionais de enfermagem, de acordo com esse estudo, a realidade é diferente, pois apenas minoria respondeu responderam que utiliza no setor e que possui conhecimento acerca do uso de fitoterápicos no processo de cicatrização de feridas. Isso evidencia que a grande maioria dos entrevistados desconhece as potencialidades da fitoterapia cicatrizante. Tal potencial foi recentemente exemplificado pelo estudo ⁽²⁰⁾, de caráter experimental que apresentou indícios de potencial anti-inflamatório da solução aquosa à base das folhas de pequi (*Caryocar brasiliense*) em lesões experimentalmente provocadas em coelhos.

Em relação aos dados relacionados a formação em fitoterapia durante a graduação e seus interesses quanto ao assunto, a maioria dos profissionais respondeu que não utiliza e que não possui conhecimento de produtos de

origem vegetal no processo de cicatrização de feridas, pois tais profissionais não tiveram essa formação durante a graduação. No entanto, a maioria reconhece a importância da fitoterapia no processo de cicatrização de feridas e mostra interesse pelo aprimoramento de conhecimento sobre o assunto. Essa constatação, mostra que apesar dessa prática não ser utilizada pelos profissionais em ambientes hospitalares, e de existir pouco conhecimento diante desse tema, os profissionais parecem estar bastante interessados nessa temática e acreditar que o uso de produtos naturais é sim, eficaz no processo de cicatrização de feridas.

Com relação aos dados apresentados, na tabela 3, nota-se a importância de se investir em educação continuada, pois um profissional enfermeiro, bem atualizado sobre os principais assuntos da profissão será bom para o serviço não somente pela melhoria da assistência que ele mesmo presta aos pacientes, mas poderá ser útil também como agente multiplicador da informação científica, considerando-se que, na maior parte dos casos, a iniciativa de atualização, dos profissionais entrevistados, é orientar-se com os enfermeiros assistenciais. Ademais, o fato de a consulta a base de dados estar em segundo lugar, ressalta, por exemplo, a importância de o governo brasileiro manter a assinatura institucional para acesso aos textos completos dos artigos publicados em revistas científicas indexadas em bases de dados

disponibilizadas no Portal Capes, que é um dispositivo eletrônico que abriga as principais bases de dados científicas na área de saúde, tais como MedLine/PubMed; LILACS/BIREME; SCIELO; SCOPUS, entre outras.

Por outro lado, as principais iniciativas de atualização citadas como as que “nunca são usadas”, foram, predominantemente, a assinatura de periódicos. Isso, provavelmente, pelo fato de que a maioria das revistas científicas da área de saúde são de alto custo financeiro. Além disso, as categorias de resposta: “médicos” e “grupos de estudo”, também se destacaram como fontes/iniciativas de atualização “nunca” usadas, mostrando assim o distanciamento relacional entre médicos e a equipe de enfermagem, profissionais esses que apesar de trabalharem tão próximos, na grande maioria parece não haver um bom diálogo em termos de troca de experiências e conhecimentos. Isso representa grave risco de prejuízo ao serviço e ao próprio paciente. Ademais, a falta de hábito em participar de grupos de estudo é compreensível, pois não faz parte da cultura profissional no Brasil, apesar de que os profissionais de nível superior, muito provavelmente, devem ter feito parte de projetos de iniciação científica durante a graduação. Apesar disso, parecem ter perdido o vínculo acadêmico quando do início da vida profissional.

CONCLUSÃO

Portanto, por meio dessa pesquisa, podemos perceber que os profissionais de enfermagem do hospital universitário citado ainda não utilizam fitoterápicos no processo de cicatrização de feridas e nem possuem conhecimento adequado sobre o assunto, apesar dessa prática ser bastante milenar. No entanto, se mostraram muito interessados em aprimorar seus conhecimentos nessa área.

Dessa forma, são necessárias, capacitações voltadas para esse tema; além disso, seria importante que o hospital universitário possibilitasse o desenvolvimento de pesquisas clínicas nas suas diversas alas, com vistas à validação do uso de fitoterápicos cicatrizantes, possibilitando assim uma maior integração entre o serviço e a universidade, tornando o HU mais perto da vocação de hospital universitário, o qual deve ser aberto não apenas para ensino, mas também para pesquisa.

Como principal limitação da pesquisa, consideramos a amostra de profissionais entrevistados como tendo sido relativamente baixa, principalmente o número de enfermeiros entrevistados, pois eles são os protagonistas no tratamento de feridas crônicas. Tal fato pode fazer com que os achados desse trabalho não sejam representativos da questão no âmbito da assistência pública. Outro aspecto a ser

considerado nesse sentido é o fato de termos avaliado a questão apenas entre profissionais em um Hospital Universitário, reconhecido como referência em vários dos seus serviços prestados. Desse modo, cremos que futuras pesquisas podem ser conduzidas ampliando essa investigação para outras unidades de saúde envolvidas com o tratamento de feridas crônicas, não apenas na rede pública, quanto também, na medida do possível, nos serviços particulares.

REFERÊNCIAS

1. Ramalho MP, Santos SLF, Castro NM, Vasconcelos LMO, Morais ICO, Pessoa CV. Plantas medicinais no processo de cicatrização de feridas: revisão de literatura. *Rev. Expr. Catól. Saúde*. 2018; 3(2):65-70.
2. Biondo-Simões ML, Júnior LH, Boeno BRO, Prado JL, Costa LR, Robes RR, *et al*. Análise comparativa dos efeitos do mel, do óleo-serina de copaiba e de um produto commercial (fibrinolisina, desoxirribonuclease e cloranfenicol) na cicatrização por segunda intenção, em ratos. *Rev. Col. Bras. Cir.* 2019; 46(5):1-11.
3. Macedo JL, Pereira IC, Oliveira ASSS, Magalhães MJS. Eficácia da fitoterapia no processo de cicatrização tecidual de pacientes com diagnóstico de diabetes mellitus. *ReonFacema*. 2017; 3(1):396-400.
4. Morton LM, Phillips TJ. Wound healing and treating wounds: differential diagnosis and evaluation of chronic wounds. *J Am Acad Dermatol*. 2016;74(4):589-605.
5. Passaretti T, Guarnieri AP, Fillipini R, Alves BCA, Fonseca FLA. Eficácia do uso do Bartimão (*Stryphnodendron barbatiman*) no processo de cicatrização em lesões: uma revisão da literatura. *ABCS Health Sct*. 2016; 1(41): 51-54.
6. Silva DC, Budó MLD, Denise SM, Heisler EV, Simon BS, Torres GV. Utilização de plantas medicinais por pessoas com úlcera venosa em tratamento ambulatorial. *Rev. pesqui. cuid. fundam*. 2015; 7(3): 2985-2997.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário oficial da República Federativa do Brasil*. 03 maio 2006.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Decreto nº 5.813 de 22 de junho de 2006. Aprova a Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e das outras providências. *Diário oficial da República Federativa do Brasil*. 22 junho 2006.
9. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 20, de 10 de abril de 2014. Dispõe sobre regulamento sanitário para o transporte de material biológico humano. *Diário Oficial da União*. 10 abril 2014.
10. Araújo MA, Lemos ICS, Menezes IRA, Fernandes GP, Kenrtopf, MR. Uso de plantas medicinais para o tratamento de feridas. *R. Interd*. 2015; 8(2):60-67.
11. Martelli A, Andrade TAM, Santos GMT. Perspectivas na utilização de fitoterápicos na cicatrização tecidual:

- revisão sistemática. Arch Health Invest. 2018; 8(7):344-350.
12. Faria GBG. Conhecimento e prática dos enfermeiros sobre o cuidado de feridas. Rev enferm UFPE. 2016; 12(10): 4532-4538.
 13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [página na internet]. Universo- Indicadores Sociais Municipais: Campina Grande. 2010. [acesso em 20 novembro de 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/pesquisa/23/25124>.
 14. Ministério da Educação [página na internet]. **Apresentação – PET**. [acesso em 29 de setembro de 2020. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet>>
 15. Ayello EA, Baranoski S, Salati DS. Nursing wound care survey report. Nursing. 2005; 35(6):36-45.
 16. Ferreira, AM. Knowledge and practice of nurses about care for patients with wounds. Rev Pesqui Cuid Fundam. 2014;3(6):1178-1190.
 17. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Resolução nº 567, de 29 de janeiro de 2018. Regulamenta a atuação da Equipe de Enfermagem no Cuidado aos Pacientes com feridas. Diário Oficial da União 23 jan 2018; Seção 1.
 18. Colares CM, Luciano CC, Neves HCC, Tipple AFV, Júnior HG. Cicatrização e tratamento de feridas: a interface do conhecimento à prática do enfermeiro. Enferm. Foco. 2019; 10(3): 52-58.
 19. Martelli A, Esquisatto MAM, Andrade TAM, Aro AA, Mendonça FAS. Phytotherapics in tissue healing and its interface with professionals of health in Brazil. Braz. J. of Develop. 2019; 5(7):10997-11016.
 20. Oliveira JE, Martins DL, Dias MPR, Treichel TLE, Prado TD. Avaliação macroscópica da cicatrização de feridas de pele tratadas com extrato de folha de pequi (Caryocar brasiliense). Braz. J. of Develop. 2020; 6(4): 17649-17659.

Submissão: 2020-07-16

Aprovado: 2021-03-31